

**REVISTA**  
**PORTUGUESA**  
**de HISTÓRIA**

**tomo XXXI**

**Homenagem ao Doutor  
Salvador Dias Arnaut  
Volume I**



**COIMBRA 1996**  
**FACULDADE de LETRAS**  
**da UNIVERSIDADE de COIMBRA**  
**INSTITUTO de HISTÓRIA ECONÓMICA e SOCIAL**

## **BRONSEVAL REVISITADO OU O SALDO DA MEDIEVALIDADE NOS MOSTEIROS CISTERCIENSES PORTUGUESES\***

MARIA ALEGRIA FERNANDES MARQUES  
*(Universidade de Coimbra)*

### **1. Introdução**

“Autêntico diário de viagem”, chamou Marcel Bataillon<sup>1</sup> ao precioso documento deixado por Frère Claude de Bronseval a propósito da viagem que empreendeu por terras de França, Espanha e Portugal, em 1531-1533, como secretário do abade de Claraval, D. Edme de Saulieu.

Como é sabido, quanto à Península, a obra de Bronseval foi já alvo de importantes estudos, um de Marcel Bataillon, outro de Maur Cocheril\*<sup>2</sup>, além de ter sido editada com introdução e notas,

\* Este trabalho tem por base a comunicação apresentada ao Colóquio **Arte e arquitetura das abadias cistercienses durante os séculos XVI, XVII e XVIII**, realizado em Alcobaca, em 27-30 de Novembro de 1994.

“Un itinéraire cistercien à travers l’Espagne et le Portugal du XVI<sup>e</sup> siècle”, in **Mélanges d’études portugaises offerts à M. Georges le Gentil**. Lisboa, 1949, p. 3.

<sup>2</sup>“Le Portugal et la “Peregrinatio Hispanica” de Frère Claude de Bronseval”, in **Revista Portuguesa de História**, 6, Coimbra, 1955.

pelo segundo<sup>3</sup>. Contudo, como já afirmámos uma vez<sup>4</sup>, eremos não estar esgotado o interesse desta obra. Como não o ficará com esta nossa reflexão.

Da sua leitura ressaltam inestimáveis informações sobre o estado dos mosteiros de Cister percorridos no seu itinerário<sup>5</sup>, mas também sobre o meio, alguns tipos sociais e as condições de vida nas regiões por eles visitadas: paisagens, vias e meios de comunicação, albergues e hospedarias, a rudeza do campesino ou a azáfama da cidade, o bulício e a burocracia da corte, entre tantas outras.

Num Colóquio sobre *arte e arquitectura das abadias cistercienses durante os séculos XVI, XVII e XVIII*, pensamos enquadrar-se bem uma análise mais detalhada desse “diário de viagem”. Embora o seu autor seja, e como já foi notado, mais sensível às “coisas boas da criação”, às “criaturas ao serviço do homem”<sup>6</sup> e a sua obra apresente tão “poucos detalhes utilizáveis pelo historiador da arte peninsular”,<sup>7</sup> o facto é que ela permite, parece-nos, presentir a imensa renovação arquitectónica que se operou nas abadias cistercienses portuguesas durante os séculos que este Colóquio pretende abordar, tal o estado em que se encontravam, na sua maioria, no séc. XVI. Desta perspectiva emana o seu grande

<sup>3</sup> *Peregrinatio Hispanica*. 2 vols., Paris, 1970.

<sup>4</sup> *Os estudos cistercienses em Portugal. Realizações e perspectivas*. Separata de *Actas do Congresso Internacional sobre San Bernardo e o Cister en Galicia e Portugal*, I, Orense, 1992, p.120, n. 37.

<sup>5</sup> Nesta sua viagem, D. Edme de Saulieu não visitou apenas os mosteiros dos reinos de Espanha e Portugal mas, igualmente, os da Aquitânia e do Languedoque. Para o seu itinerário, ver os mapas publicados por Maur Cocheril, *Peregrinatio Hispanica*, I, pp. 86-87; 100-101; 118; 150-151; 184-185; 254-255; 306-307; 388-389; II, pp. 453; 488-489; 526-527; 584-585; 678-679.

<sup>6</sup> Marcel Bataillon, *o. c.*, p. 58.

*Hd., ibid.*, p. 59.

interesse, no momento.

Porém, antes de qualquer análise, importa referir que nem todas as informações que Bronseval nos transmite são fruto da sua vivência ou sensibilidade. Com efeito, por ter sido incumbido de importante missão junto da corte, então em Évora, Bronseval não acompanhou D. Edme de Saulieu na visita aos mosteiros de Lorvão, Vale Madeiros, Maceira-Dão, S. Cristóvão de Lafões e Arouca. No regresso, chegou a estar à porta deste último, mas não entrou, “porque não tinha tempo”, tal era a ânsia em se reencontrar com o seu abade.

Centremo-nos, então, nas informações de carácter artístico que o autor transmite. E ainda que aceitemos que ele seja mais “sensível ao estilo de vida, aos índices de prosperidade e miséria” que ao “esplendor das arquitecturas”<sup>8</sup>, e que possamos até acrescentar que os seus juízos se ressentem do cansaço e das constantes más condições da viagem, o certo é que, nalguns, poucos casos, há informações preciosas a vários campos da arte.

## **2. O estado material dos mosteiros**

### **2.1. Os sítios**

Iniciemos o nosso percurso por aquele que, aparentemente, pode ter chamado mais a atenção do nosso guia, isto é, a arquitectura.

Acompanhando-o atentamente, notamos como foi sensível à integração dos edifícios no meio envolvente, às alterações que apresentavam face aos modelos correntes, às suas massas e volumetria, ao seu estado de conservação.

Com ele avistámos Castris, na encosta de uma colina plantada \*

*\*Id., ibid.*

de vinhas e oliveiras, sentimos o exílio que representava a rusticidade e a pobreza do sítio de Cós; de uma colina surpreendemos Seiça, no vale, rodeado de arvoredo; por entre matas e vinhas, oliveiras, limoeiros, figueiras e castanheiros, percorremos os caminhos de Celas a S. Paulo de Almaziva. Por carreiros íngremes, de temerosas montanhas, alcançámos a serena quietude de Lorvão.

Na Beira Alta, por caminhos medonhos, entre montanhas e bordeando rios, com Monsenhor, o abade de Claraval, nos deleitámos na pobreza do solitário deserto de Maceira-Dão e com os nossos viajantes percorremos Arouca, Salzedas, Tarouca; chegámos à colina, onde, a meia encosta, a Sul, e abaixo de um bosque de castanheiros e buxos se situava S. Pedro das Águias. Ainda por montanhas, mas agora deleitando a vista por colinas férteis, cobertas de vinhas e trigais, acabámos por chegar a um “lugar muito agradável”, num bosque plano, onde se achava Santa Maria de Aguiar.

Em terras do Norte, por montanhas escarpadas, rochosas e quase estéreis, chegámos à colina onde se levanta Bouro; na direcção Este e ladeando o Lima, “a passo de boi” (porque o caminho mais não permitia) avistámos Ermelo, “entre o céu, o rio e as montanhas escarpadas”. Ainda por montanhas, por entre caminhos pedregosos, ora mais fáceis, ora por ladeiras duramente inclinadas, todos eles batidos pelos ventos agrestes de um Janeiro glacial, percorremos a solidão de Fiães e, no vale, chorámos, com Monsenhor, perante as ruínas de Júnias.

Quanto aos edificios propriamente ditos, de tudo encontrámos: desde as mais deploráveis ruínas a mosteiros em fase recente de construção, passando, claro está, por edificios bem ou regularmente conservados e que, segundo a descrição apresentada, seguiriam o

modelo mais comum: clausura e depois, todo um conjunto de edifícios que, no seu todo, formavam a unidade conventual.

De todos, dois sobressaíam como as principais vítimas das marcas do tempo ou da incúria dos homens: Júnias e S. Cristóvão de Lafões. Num e noutro, a mina e desolação eram a nota dominante.

E Cós impunha-se porque, no dizer de Bronseval, “não tinha em nada o aspecto de um mosteiro”. E nem mesmo os esforços assinalados do cardeal-infante (D. Afonso<sup>9</sup>) para lhe dar um certo ar, uma certa forma, tinham conseguido alguma coisa. Se o sítio era pobre, a msticidade do lugar tudo marcava e talvez apenas a presença das monjas indicasse, aí, a existência de um mosteiro.

## 2.2. O estado dos edifícios

Podem considerar-se dois aspectos nas descrições dos edifícios feitas por Bronseval: sobre a sua concepção arquitectónica e sobre o seu estado de conservação.

Quanto à primeira, explícita ou implicitamente, desde logo ressalta uma nota: a existência ou não de clausura própria.

Em referência explícita, ela existira completa em Bouro<sup>10</sup> \*, Santa Maria de Aguiar", Fiães<sup>12</sup> e parcialmente, porque nunca se completara, em S. Pedro das Águias<sup>13</sup>.

<sup>9</sup> Sobre a acção desta figura, mas agora no âmbito do seu protagonismo como administrador do bispado de Évora (cargo que acumulou com o arcebispo de Lisboa), veja-se Isaias da Rosa Pereira, **Uma figura mal conhecida: o cardeal-infante D. Afonso (1509-1540)**. Separata de *Actas do Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora*. Évora, 1994. Para alguns indícios das obras que tinham decorrido, recentemente (1527), no mosteiro, ver Rui Maurício, **As igrejas dos coutos de Alcoçã no séc. XVI, in Actas do Congresso Internacional sobre San Bernardo e o Cister em Galicia e Portugal**, II, Orense, 1992, pp. 843-857, docs. 3 e 4.

<sup>10</sup>*Peregrinatio Hispanica*, II, p. 531.

"*Ibid*, II, p. 565.

"*Ibid*, II, p. 541.

"*Ibid.*, II, p. 557.

De forma implícita, parece poder concluir-se que ela existia, cumprindo integralmente a sua função, em Alcobaça<sup>14</sup>, Celas<sup>15</sup>, Odivelas.<sup>16</sup> O texto é rigorosamente omissivo quanto à sua existência em Tarouca, Lorvão<sup>17</sup>, Arouca, Almoester, bem como ainda, naqueles em que decorriam obras, como em Vale Madeiro<sup>18</sup> ou S. Bernardo de Portalegre<sup>19</sup>.

Sobre os demais, há a considerar aqueles cuja concepção afastava a existência da clausura e que Bronseval bem referencia, talvez até por essa mesma particularidade. É o caso de S. Bento de Castris ou Salzedas. Considera o primeiro muito recolhido sobre si mesmo, comparando-o a um pequeno castelo e notando bem que todos os edifícios constituíam a clausura exterior<sup>20</sup>. Sobre o segundo, apenas afirma que não havia outra clausura senão aquela que os edifícios das dependências formavam<sup>21</sup>.

De notar, ainda outros que, de tão ennos, solitários, não tinham outra clausura - talvez até porque não necessitassem -, a não ser a da própria solidão do seu lugar. Assim se refere, por exemplo, a Maceira-Dão<sup>22</sup>, e o mesmo se deveria passar em Ermelo, onde o céu, o rio e as montanhas escarpadas constituíam os horizontes do lugar<sup>23</sup>. Na Estrela, ela também não existia, talvez não tenha

<sup>14</sup> *Ibid.*, II, p. 455.

<sup>15</sup> *Ibid.*, II, p. 485.

<sup>16</sup> *Ibid.*, I, p. 357.

<sup>17</sup> Por outras fontes, sabe-se que existiria, em Lorvão, por esta época. Cfr. Nelson Correia Borges, *Arte monástica em Lorvão. Sombras e realidades. I. Das origens a 1737*. Coimbra, 1993 (dissertação de doutoramento, policopiada), p. 522.

<sup>18</sup> *Peregrinatio Hispanica*, II, p. 511.

<sup>19</sup> *Ibid.*, II, p. 583.

<sup>20</sup> *Ibid.*, I, p. 419.

<sup>21</sup> *Ibid.*, II, p. 519.

<sup>22</sup> *Ibid.*, II, p. 513.

<sup>23</sup> *Ibid.*, II, p. 535.

existido nunca, tal a pobreza e desolação do local, mais comparável a ermitério que a mosteiro<sup>24</sup>.

Nos casos em que o estado das coisas deixava ver a sua antiga existência, junto aos muros ou num pátio a que a portaria dava acesso, podiam encontrar-se quer oficinas de trabalho, apoio de actividades múltiplas do mosteiro, como em Fiães<sup>25</sup>, quer casinhotos, semelhantes a pocilgas, e, na ocasião, habitação de monges, como em Bouro<sup>26</sup>. Num caso e noutro, e como os muros da clausura, o seu estado de conservação era deplorável.

Quanto aos edifícios propriamente ditos, a leitura das referências de Bronseval deixa-nos perante a maior diversidade, fruto do estado em que se encontravam os mosteiros visitados<sup>27</sup>. É muito diversa e irregular a informação que o autor nos transmite.

Alcobaça é, sem dúvida, o conjunto arquitectural mais completo e mesmo aquele que se encontrava em melhor estado de conservação: igreja, capítulo, dormitório, sala comum, dois refeitórios - o regular e o da carne<sup>28</sup> -, biblioteca. Fora do mosteiro, achavam-se as dependências de apoio: forno, moinho, celeiro, despensa do celeireiro. Esta última localizava-se no antigo noviciado, única

<sup>24</sup> *Ibid.*, II, p. 573.

<sup>25</sup> *Ibid.*, II, p. 541.

<sup>26</sup> *Ibid.*, II, p. 531.

<sup>27</sup> Eram partes constituintes do edifício de um mosteiro cisterciense: igreja, capítulo, enfermaria, sala dos monges, calefactório, biblioteca, dormitório, refeitório, cozinha, celeiro, aposentos abaciais. Pode ler-se a descrição da planta de uma abadia cisterciense em Maur Cocheril, *Routier des abbayes cisterciennes du Portugal*, Paris, 2.<sup>a</sup> ed., pp. 38-42 e pode ver-se uma, a de Fontenay (filiação de Claraval), em Georges Duby, *Saint Bernard. L'art cistercien*, [Paris, 1976], p. 131. Contudo, atente-se nas palavras de Maur Cocheril: "bien que bâties sur le même plan, il n'y a pas deux abbayes cisterciennes identiques" (*ob. cit.*, p. 37).

<sup>28</sup> Lugar onde os monges tomavam as suas refeições que incluíam carne, depois da simplificação dos costumes da Ordem.

e indirecta referência às recentes obras no mosteiro<sup>29</sup>.

A seu lado, um importante número encontrar-se-ia em bom estado de conservação. Ao contrário, alguns, poucos, achavam-se em tão deplorável estado de minas que, por vezes, eram mais montão de pedras que edifícios. Numa escassa minoria, ainda, decorriam obras.

Dos primeiros, Arouca e Lorvão não mereceram qualquer referência, por mínima, o que deixa supor o bom ou regular estado dos seus edifícios. Celas, igualmente. Parece que a imagem de boa ordem que, aqui, se lhe ofereceu no plano espiritual e no administrativo se depreendia dos próprios edifícios<sup>30</sup>. Sobre o conjunto, apenas uma nota: Monsenhor alojou-se fora do mosteiro, em edifício dentro da cerca.

Em Tarouca os visitantes percorreram a igreja, a sacristia, a biblioteca, o dormitório e o refeitório. Mas nem uma palavra sobre o seu estado, donde parece concluir-se ser bem ordenado.

Àcerca dos outros, diz-nos um pouco mais o nosso monge-secretário.

Perto de Alcobaça e mantido pelo mosteiro deste lugar, Cós apresentava um pequeno oratório novo, portanto de construção

<sup>29</sup> O silêncio sobre estas é um dos aspectos mais incompreensíveis das notas de jornada de Bronseval. Conhecidas as obras que se levaram a cabo no reinado de D. Manuel (por exemplo, a sacristia pode datar-se de cerca de 1518; cfr. Pedro Dias, “A arquitectura do gótico final e a decoração manuelina”, in *História da arte em Portugal*. 5. **O manuelino**. Lisboa, 1986, p. 51) é de admirar o silêncio de Bronseval. É até interessante confrontá-lo com a descrição que nos deixou Fr. Jerónimo Román, em 1589 (Vergílio Correia, *Uma descrição quinhentista do mosteiro de Alcobaça*, in *Obras*. V. *Estudos monográficos*. Coimbra, 1978, pp. 44-64).

<sup>30</sup> Para as obras neste mosteiro, no início do séc. XVI, tem muito interesse o estudo de Paulo Varela Gomes e Walter Rossa, “A rotunda de Santa Maria de Celas, um caso tipológico peculiar”, apresentado ao mesmo Colóquio *Arte e arquitectura das abadias cistercienses durante os séculos XVI, XVII e XVIII*.

recente. Como já notámos, o seu aspecto geral afastava-se por completo daquilo que a prática consagrara e Bronseval entendia como mosteiro. Seria, talvez, um amontoado de pequenos edifícios que, ao longo do tempo, se juntaram num mesmo local.

Tomarães apresentava também algum traço insólito, não apenas nos seus habitantes - três simplórios monges hirsutos, cada um fazendo a sua vida -, mas também nos seus edifícios. Só se realça um oratório em comum, onde teve lugar o breve capítulo que D. Edme de Saulieu achou por bem fazer-lhes.

Os edifícios de Seiça hão-de ter-se salientado a Bronseval pela sua pequenez: um “pequeno espaço”, com um pequeno local de culto, a que o autor chama oratório. De resto, na especificidade das suas funções ou no seu estado de conservação, nada mais lhe valeu reparo, a não ser, de forma corrente e ligeira, que o abade de Claraval se alojou no próprio mosteiro.

De S. Paulo de Almaziva, fica-nos a imagem de um edifício levantado sobre o comprimento, pois que se diz construído ao longo de um ribeiro, próximo de uma aldeia que lhe fica um pouco a Norte. A voracidade dos comendatários fizera-se sentir no estado do mosteiro: na administração, nos rendimentos, nos edifícios (que, apesar de tudo, não mereceram referência negativa) e na própria espiritualidade. A igreja era, em simultâneo, a paroquial da aldeia<sup>31</sup>. Ainda na região Centro e na irradiação próxima de Alcobça, agora para Sul, Almoester e Odivelas<sup>32</sup> prenderam a atenção de Bronseval,

<sup>31</sup> Apesar de todos os monges administrarem os sacramentos aos paroquianos, não havia nela os sacramentos! Sobre a história deste mosteiro neste período, ver Maria José Azevedo Santos, **O mosteiro de S. Paulo de Almaziva. A comunidade e o património (1221-1555)**. Separata de **Actas do Congresso Internacional sobre San Bernardo e o Cister en Galicia e Portugal**, I, pp. 513-561.

<sup>32</sup> Muito embora os nossos visitantes tenham passado em Tomar, no convento de

por via diferente.

No primeiro, foram os problemas levantados pela orgulhosa abadessa, D. Catarina de Noronha, à visita do abade de Claraval e os problemas internos aí vividos. Nada se diz em desfavor do estado dos edifícios, o que permite concluir pelo seu bom ou regular estado de conservação.

O abade de Claraval visitou a igreja, o dormitório, a enfermaria e o refeitório. Da descrição da visita deste mosteiro, há a reter duas notas, bem diferentes, contudo. Uma, sobre a própria igreja: é a única onde Bronseval assinala a existência de uma grade: a meio da igreja, dava acesso ao coro. Outra, sobre o caso de uma monja algo dada a coisas do mundo, quicá, mesmo parentes de práticas alquímicas, permite-nos entrar um pouco mais neste mosteiro, na zona das celas das religiosas<sup>33</sup>. Mantendo uma tradição antiga, proveniente, aliás, da sua própria fundação, este mosteiro albergava, como monjas ou simples recolhidas, mulheres oriundas da nobreza (no momento, a começar pela própria abadessa). No séc. XVI, em pleno Renascimento, seria difícil, a algumas delas, despojar-se do conforto do mundo.

Isso mesmo observou D. Edme de Saulieu quando se dirigiu aos aposentos de D. Leonor Mendes. Seriam espaçosos e algo confortáveis. Além dos muitos bens móveis que aí se encontravam (mas que não se especificam), o espaço era ainda repartido, pela cedência de uma câmara a uma sua sobrinha, monja do mosteiro. E se isso já chocava o espírito do abade de Claraval, muito mais o que aí viu: frascos de diversas águas destiladas, caixas de farmácia,

Cristo, não o consideramos porque, nesta época, já não dependia nem de Alcobaça, nem de Cister (Cfr. Maur Cocheril, *Peregrinatio Hispanica*, II, p. 473, n. 207).

<sup>33</sup> Sobre este espaço, ver N. Correia Borges, *o. c.*, I, pp. 484-490.

perfumes ... Enfim, testemunhos da vida de uma jovem freirá inadaptada ou, quiçá, de uma promissora aprendiz de alquimia ... Porém, com nenhuma delas D. Edme de Saulieu pactuou: separou tia e sobrinha, mandou retirar tudo e lavar o local!...

Odivelas parece-nos ter sido o mosteiro que mais tocou Claude de Bronseval. Foi a recepção solene e devota; a humildade da abadessa e das suas freirás; a solenidade, simplicidade e pureza das cerimónias religiosas. Tudo tocou de tal forma o secretário do abade visitador que, de regra tão insensível à beleza das coisas, se deixou penetrar pela perfeição e harmonia das formas. De facto, a igreja do mosteiro mereceu dele a consideração de “bela, comprida, piedosa e convenientemente decorada”. Por certo que, na beleza que lhe refere, estão implícitas a harmonia e a proporção das formas. Apesar da parcimónia das suas palavras, convenhamos que é muito para o espírito prosaico de Bronseval. Mais consentâneo com ele, está a observação de que o mosteiro havia sido danificado pelo tremor de terra que sacudira o país havia dois anos (1530).

Ainda na igreja, Bronseval notou que o Santíssimo Sacramento estava devotamente colocado na parede Norte.

Já fora do mosteiro, nas suas imediações, mas fazendo ainda parte dele, estava o priorado dos monges, recolhido e fechado, como um mosteiro, onde os visitantes encontraram guarida.

Passando ao Alentejo, e deixando de lado (por agora) S. Bernardo de Portalegre, em Avis, o mosteiro situava-se dentro do castelo local. Os edifícios do mosteiro encontravam-se mal conservados, deixando entrar a chuva por todo o lado. Porém, a igreja, pequena, é certo, composta por três altares, estaria bem de outra forma, tal, que foi considerada pequena e bela.

Era antecedida de um pequeno pátio, com um bonito jardim e

uma grande torre, com um grande edifício, morada do mestre da milícia de Avis.

Em S. Bento de Castris, além do aspecto compacto do conjunto dos edifícios, que dava ao mosteiro um ar acastelado, interiormente apenas um pormenor chamou a atenção do nosso guia, pelo seu ineditismo. Prende-se com o papel aqui desempenhado pela sacristia. Contígua à igreja, mas sem comunicação directa com ela, apresentava-se dividida em duas partes: uma cumpria as funções que lhe são comuns, servindo de lugar aos ornamentos e vestimentas (de que até existia um inventário); outra, a contígua à igreja, servia de despensa! Segundo Bronseval, nesta parte havia uma chaminé, onde se armazenavam, pendurados, carnes de porco e outros comestíveis.

Irregular, porém, mas não insólito, era o facto de as monjas terem as suas câmaras particulares. Situavam-se à volta do pequeno e belo claustro.

Finalmente, conclui-se ainda que neste mosteiro existiam duas enfermarias.<sup>34</sup>

A maior parte dos mosteiros da Beira interior e os mosteiros do Norte eram aqueles que se achavam em estado visível de degradação e mina.

O mosteiro da Estrela, em minas, mostrava os seus edifícios todos contíguos à igreja, mas não havia vestígios de claustro. Tudo estava invadido por árvores. Enfim, só o zelo do abade, ex-prior de Alcobaça, fizera recobrir a igreja havia cerca de dois anos. Mas foi no altar-mor que se recitaram as horas canónicas.

<sup>34</sup> Pois que Bronseval refere que, para a visita às enfermas, Monsenhor as fez transportar para uma única sala. Cfr. *Peregrinatio Hispanica*, I, p. 429 e, para esclarecimento sobre a existência de duas enfermarias, ver a nota 143.

Santa Maria de Aguiar, nas mãos de um velho e voraz comendatário, tinha um aspecto de desolação e abandono. Só o capítulo estava intacto. E a igreja não estaria nas melhores condições, pois que as horas eram recitadas no presbitério, suficiente para o número diminuto de monges. O facto, porém, é, por si, sinal do mau estado da igreja.

Quanto aos demais edifícios, o dormitório fora demolido, o parlatório, o refeitório, a cozinha, a enfermaria e a casa abacial estavam completamente em ruínas.

Só o claustro mostrava indícios de um começo de restauração.

Apesar de tudo, Bronseval sentiu vestígios de uma beleza passada, que anotou no seu registo, sem qualquer concretização do que o sensibilizara. Talvez um sinal de que, no fundo, não seria tão insensível à beleza como pode fazer crer.

Em S. Pedro das Águias, três quadros bem diferentes: a igreja, o dormitório e o claustro. A primeira, sem coro, era pequena e completamente escura, “como uma sinagoga dos judeus”, escreve o nosso autor; o dormitório estaria em boas condições, pois nele se viam cinco belas câmaras, com suas lareiras, abandonadas, pois que os monges viviam fora, em casinhotos. Por sua vez, o claustro achava-se em ruínas, como estariam outras dependências de uso comunitário, dado o carácter individual da vida que os monges aí levavam.

Quanto a Maceira-Dão e S. Cristóvão de Lafoes, embora por informação alheia, Bronseval deixa um sucinto, mas elucidativo, registo acerca dos edifícios monacais.

O primeiro era pequeno, mal construído, sem refeitório nem cozinha regular. Este estado deplorável era, contudo, compensado por uma vida de verdadeira pobreza, que cativou Monsenhor, a ponto de aí permanecer três dias, deleitado com esse rigor.

O estado de S. Cristóvão era ainda mais lastimável - em todos os sentidos. Os edifícios estavam completamente em ruínas, sem um canto onde Monsenhor pudesse permoitar. Desses destroços, naquela solidão, até Monsenhor se afastou de imediato. Foi, parece-nos, o que mais violentamente chocou o abade de Claraval.

De um modo geral, os mosteiros do Norte, com os seus edifícios por terra ou votados ao abandono, deixavam ainda ver uma grandeza passada.

Em Bouro, gritava mais alto a ignorância e a incúria dos monges que a falta de condições materiais: ao belo e decente dormitório, preferiam os seus casinhotos particulares; à mesa comum, no refeitório, antepunham as rações individuais de cereais, vinho, carne e azeite. Enfim, talvez mesmo um caso típico de ignorância e não lassidão ou má vontade, como mostrou a sua reacção perante as medidas de Monsenhor<sup>35</sup>.

Mas vejamos o aspecto deste mosteiro. Transposta a porta da antiga cerca (então em ruínas), chegava-se a um pátio onde se situavam os casinhotos dos monges. Daí, acedia-se a uma escadaria de dezasseis degraus, que levava ao portal da igreja. E nesta o mesmo geral descuido: três altares (por certo, o maior e dois laterais), muito pobres. E, à falta de outro local, a sacristia serviu de lugar ao capítulo ordenado pelo abade visitador.

Fora do conjunto destes edifícios, para o lado oriental, estavam os restos, abandonados, do que haviam sido os grandes aposentos

<sup>35</sup> Perante o individualismo que aqui reinava, o abade de Claraval chamou os monges ao cumprimento de alguma observância, tendo os seus conselhos encontrado um eco favorável. De bom grado, os monges aceitaram os princípios da vida em comum, tendo escolhido, de imediato, um tesoureiro, e transportado os seus leitos e todos os utensílios dos seus casinhotos particulares para o dormitório, decente e bem arrumado. Igualmente fez instalar mesas no refeitório, para as refeições comuns, a primeira das quais ele próprio acompanhou (*Peregrinatio Hispanica*, II, p. 533).

abaciais. E um pouco além, à beira do vale, a casa do sacristão, ainda habitada.

Na solidão de Ermelo, sobressaiu uma pequena capela, com três altares, pobres e despídos. Havia pia baptismal. Por certo que substituíra a antiga igreja, agora em ruínas, e que serviu de local para todos - visitantes e visitados - tomarem a sua refeição, ao ar livre, sobre uma mesa improvisada.

A volta da dita capela encontravam-se vários casebres, negros de fumo, mais semelhantes a estábulos de animais, onde viviam os camponeses das terras do mosteiro. Ao Sul, talvez próximo das ruínas da igreja, viam-se os vestígios de grandes construções: em tempos, haviam-se iniciado o dormitório, o capítulo e o refeitório, mas nada fora concluído.

Em Fiães, Bronseval deixou-se impressionar pela obra de restauração que o velho abade, ex-prior de Alcobaça, aí levava a cabo: recobrir a igreja, o capítulo, o claustro, os aposentos abaciais. Tudo o demais eram ruínas, grandiosas é certo e, por isso mesmo, restos sombrios de uma glória passada.

Finalmente em Júnias, o último mosteiro do Norte a ser visitado, o cenário foi desolador. Tão desolador que o abade de Claraval chorou perante as suas ruínas. O comum dos edifícios - sacristia, biblioteca, dormitório, refeitório, capítulo, claustro, enfermaria, calefactorio, aposentos abaciais - tudo eram ruínas! Salvava-se a igreja, pobre, mas intacta e devota. A sua pobreza ressaltava, de imediato: apenas três altares, o maior no presbitério e dois fora deste.

Atentemos, finalmente, nos mosteiros em que decorriam obras. Nestas, há que distinguir as da construção, propriamente dita, e aquelas que têm carácter pontual.

No primeiro caso, contam-se S. Bernardo de Portalegre e Vale

Madeiro.

Destes, foi o mosteiro do Alto Alentejo aquele que mais positivamente se apresentou aos olhos de Bronseval: ainda por terminar, o autor achou-o começado com muito gosto. E das suas palavras conclui-se estarem já terminados os dois claustros, o inferior e o superior. Com o dormitório e o refeitório, constituíam as únicas dependências terminadas neste mosteiro<sup>36</sup>.

Vale Madeiro, por sua vez, pouco atraiu a atenção do nosso guia. Para além da indicação de que as obras se achavam no seu início, apenas sabemos que existia uma casa de hóspedes, onde se alojou D. Edme de Saulieu.

Quanto a obras pontuais, de remodelação ou melhoramento, as informações de Bronseval indicam-nas para a igreja do mosteiro de Salzedas. Estariam ainda em curso ou seriam de final muito recente, pois que o altar-mor foi sagrado pelo abade de Claraval, em 6 de Janeiro de 1533.

### 2.3. *As artes decorativas*

À falta de qualquer informação sobre escultura ou pintura, as outras notas que se podem colher em Bronseval com interesse à história da arte são muito indirectas, reportando-se ao campo das artes decorativas, nomeadamente à ourivesaria.

Na sua quase totalidade, estão ligadas com a inspecção dos objectos de culto, parte importante da visita regulamentar. Num caso ou noutro, muito raramente, lá aparece uma ou outra informação relativa a outro campo.

<sup>36</sup> Sobre este mosteiro, ver Joaquim Chorão Lavajo, **O mosteiro de S. Bernardo de Portalegre. Contributo para a sua história**. Separata d e *Actas do Congresso Internacional sobre San Bernardo e o Cister en Galicia e Portugal*, 1, pp. 623-633.

Quanto aos objectos de culto, os vasos sagrados são os mais frequentemente referenciados, algumas vezes apenas como tal, isto é, anotando-se somente a sua existência. E, à falta de qualquer descrição dos mesmos, é esse registo que importa. Sendo índice de carácter económico ou social das instituições, os objectos, em si, importam à história da arte. Por isso os consideramos.

Para Alcobaça, Celas, Castris, Odivelas, Tarouca menciona-se apenas a sua presença.

Porém, para o primeiro dos mosteiros citados, é de registar a consagração de seis cálices, levada a cabo pelo abade de Claraval, no dia da Ascensão do ano de 1533 (22 de Maio). Certamente, um deles era o que, na véspera, um capelão do cardeal D. Afonso oferecera ao mosteiro (nas pessoas do prior, sub-prior, celeireiro e sacristão) e que Bronseval nos informa ser em ouro (ou, antes, em prata dourada?) e “notável pela sua forma e trabalho”<sup>37</sup>.

Neste capítulo dos vasos sagrados, assinala-se ainda um caso onde se diz serem inexistentes: em Bouro. Ora, este facto levanta muitos problemas, pois deixa perceber o descalabro que este mosteiro sofreu em cerca de um século. Com efeito, por um inventário de 1437, sabe-se que o mosteiro possuía objectos de prata, cujo peso ultrapassava os 59 marcos de prata<sup>38</sup>. Entre eles, contavam-se onze cálices (oito dourados e um branco), copas, arquetas, galhetas, bocetas, cruzes e castiçais.

<sup>37</sup> *Peregrinatio Hispanica*, II, p. 661.

<sup>38</sup> Cerca de 13570 gramas, segundo a equivalência de 230 gramas por marco. Cfr. A. H. de Oliveira Marques, “Pesos e medidas”, in *Dicionário de História de Portugal*, 3, Lisboa [1971], p. 373. Em breve publicaremos este documento. Entretanto, podem ver-se as alfaias (e outros bens) possuídos por este mosteiro, em 1408, no nosso estudo *Bens de dois mosteiros cistercienses no séc. XV Santa Maria de Seiça e Santa Maria de Bouro*. Separata de *Amar, sentir e viver a história. Estudos de homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão*. Lisboa, 1995, pp. 897-928.

Nos restantes casos, as indicações de Bronseval sendo parcas, sempre deixam perceber algo do recheio existente quanto a objectos de culto. De um modo geral, os objectos eram poucos e sem nada de assinalável (ou de assinalado ...), bem de acordo com as restantes condições.

Em Tomarães, a cruz de madeira está bem consentânea com a pobreza do mosteiro. Além dela, uma caldeirinha e um incensório<sup>39</sup>. Igualmente em Seiça, só a cruz e a caldeirinha são trazidas à colação, uma vez que usadas na procissão de recepção aos visitantes<sup>40</sup>.

E a igreja de Júnias apenas possuía um cálice, em estanho.

Por sua vez, em Santa Maria de Aguiar e em Ermelo, nem sequer havia lâmpadas na igreja, o que impedia os officios nocturnos.

Quanto a ornamentos e vestimentas eclesiásticas, apenas algumas indicações, das situações de pobreza mais gritantes: em Júnias, Ermelo e S. Pedro das Águias, apenas o necessário para a celebração de uma missa<sup>41</sup>.

Porém, em Júnias, um elemento distinto: na parte anterior do altar, havia um paramento que fora oferecido por um homem, no seu regresso da índia. Terá sido o exotismo do adorno ou o insólito da situação a chamar a atenção do parcimonioso Bronseval.

Finalmente - quanto a elementos que podem apresentar ainda interesse à história da arte - as referências a livros. Somente três

<sup>39</sup> Sem fogo nem incenso, prova da sua inutilidade.

<sup>40</sup> Também para este mosteiro podemos afirmar que, em 1408, possuía cinco cálices de prata, dois grandes e três pequenos, uma caixa de prata, para guardar o Santíssimo Sacramento, e uma cruz, um turíbulo, uma naveta e um báculo de Limoges. Cfr. o nosso estudo indicado *supra*, nota 38. Nada disto refere Bronseval ou porque não viu (ainda existiriam?) ou porque, de objectos correntes ou em mau estado, não lhe mereceram importância.

<sup>41</sup> Tanto assim, que em S. Pedro das Águias o abade de Claraval e o seu secretário celebraram a missa um depois do outro.

mosteiros tiveram a honra de ver os seus livros referenciados por Bronseval: Seiça, Águias e Ermelo. Para o primeiro, uma brevíssima nota: um livro de canto. Um pouco mais para os dois últimos. Em S. Pedro das Águias, dá conta de um gradual notado, um antifonário completo e dois missais escritos à mão. Em Ermelo, anota a existência de dois missais: um antigo, da Ordem, que servia no altar-mor e que lhe mereceu a classificação de “muito belo” e ainda um outro, escrito à mão.

Parece-nos mesmo que as referências de Bronseval aos livros destes dois mosteiros provêm da existência de livros manuscritos, ainda em uso: seria a prática obsoleta por um lado, a beleza dos manuscritos, pelo outro.

São estas as poucas referências de Bronseval com interesse à história da arte e que nos dão bem ideia do estado físico dos mosteiros cistercienses portugueses no início do séc. XVI.

### **3. O estado moral dos mosteiros**

À parte as observações e as preocupações sobre Alcobaça e Seiça (que se prendem com problemas trazidos à Ordem pela criação e expansão da Congregação de Castela, logo bem diferentes de uma apreciação quanto ao estado moral e à observância da regra), as referências de Bronseval deixam concluir que era profunda a degradação material dos mosteiros masculinos: era o traço comum a todos, excepto Alcobaça, Seiça, Tarouca e Salzedas. Onde, claramente, se pode concluir que foi materialmente ruínosa a entrada e vigência dos abades comendatários. Bouro e Seiça serão casos bem paradigmáticos, a estudar em oportunidade próxima.

Contudo, parece-nos que não há diferença substancial entre o estado dos mosteiros visitados e as condições materiais da vida

do comum das populações com quem contactaram. Basta atentar nos comentários que o autor faz ao comum dos albergues onde tiveram de se acolher!<sup>42</sup>

Além disso, importa não esquecer o objectivo da viagem que fez vir Bronseval a Portugal: a inspecção aos mosteiros da ordem de Cister. Por isso, é provável que as suas observações sejam também marcadas pelo espírito que presidiu a essa missão. E se, por norma, a virtude é discreta, o encargo destes visitantes fazia-os muito mais atentos à existência dos erros que à exaltação das virtudes.

Ao mesmo tempo, importa também frisar que esta situação de decadência e abandono não era peculiar a Portugal. Bem ao contrário! A leitura do relato de Bronseval dá a mesma imagem para a maioria dos mosteiros por que passou. Benisson-Dieu<sup>43</sup>, Pedregal<sup>44</sup>, Valdigna<sup>45</sup>, Armenteira<sup>46</sup> estavam em péssimo estado de conservação, enquanto Franquevaux chegara a um completo estado de desprezo, de adulteração do uso dos seus compartimentos<sup>47</sup>.

<sup>42</sup> A título de exemplo, vejam-se as informações respectivas nas páginas 309; 311 ; 313; 317; 479; 517; 525; 547; 563. Gastão de Melo de Matos, no seu artigo “Itinerário de Leão de Rozmital (1466)”, in *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, 1964, XI, pp. 116-127, nada refere sobre este tema, detendo-se apenas em esclarecimentos sobre nomes das localidades por onde passou esse barão boémio e a sua comitiva. Sobre estalagens e estalajadeiros em Portugal, ver Iria Gonçalves “Privilégios de estalajadeiros portugueses (séculos XIV e XV)”, in *Imagens do mundo medieval* Lisboa, 1988, pp. 143-155. Contudo, não se fique com a ideia de que as más condições de que se queixa o autor eram apenas características de Portugal. Bem ao contrário! Há referências negativas para França (pp. 93, 107, 110, 111, 113, 127); Catalunha (p. 193); Castela (pp. 237-239, 249, 251, 257, 259, 261, 281, 617, 675); Galiza (pp. 287,289, 293, 295, 299, 301).

<sup>43</sup>*Peregrinatio Hispanica*, I, pp. 103-105.

<sup>44</sup>*Ibid.*, p. 181.

<sup>45</sup>*Ibid.*, p. 219.

<sup>46</sup>*Ibid.*, p. 301.

<sup>47</sup> *Ibid.*, pp. 127-129. Aqui, a sacristia era ocupada em usos profanos, o claustro abrigava gansos, patos, galos, galinhas; o capítulo, carneiros; o parlatorio, vacas e o noviciado, porcos!

Evidentemente que a degradação material se fazia acompanhar de uma lassidão moral.

Por isso, como já foi notado<sup>48</sup>, é contrastante (pelo menos na aparência) a situação dos mosteiros masculinos e dos femininos. Destes, à exceção de Castris que apresentava fortes motivos de preocupação<sup>49</sup>, e de alguns desatinos que aparecem claramente em Almoester<sup>50</sup> e se adivinham em Lorvão<sup>51</sup>, pode dizer-se que foram positivamente apreciados pelo abade visitante.

Contudo, também aqui - e tal como aconteceu para os edifícios - num confronto com os restantes mosteiros visitados, os portugueses não constituíram excepção nesta visita do abade de Clara-val. Em Franquevaux, não havia nenhuma obediência regular, antes uma excessiva irregularidade<sup>52</sup>; em Villelongue, D. Edme de Saulieu ordenou a leitura e afixação das suas ordenações, durante um ano, como penitência pública<sup>53</sup>.

Em Espanha as coisas não iam melhor: em Santés Creus promulgou sentença de excomunhão contra os monges que atentavam contra a autoridade abacial<sup>54</sup>; em Poblet, os visitantes encontraram o abade encarcerado por uma facção de monges do mosteiro<sup>55</sup>;

<sup>48</sup> Marcel Bataillon, *o. c.*, pp. 50-52 e Maur Cocheril, *Le Portugal...*, pp. 188-193.

<sup>49</sup> Com razão ou sem ela, passava por ser o mais mal afamado de todos os mosteiros JO reino. Como notas mais marcantes, diga-se que iam mais de 40 anos sem que houvesse Sacramento do altar na igreja deste mosteiro; passava de ano que as freirás não se confessavam e duas viviam fora do mosteiro, na cidade, uma das quais há dez anos. (*Peregrinatio Hispanica*, I, pp. 421-429).

<sup>50</sup> *Ibid.*, pp. 367-383. Sobre os problemas de Almoester na primeira metade do séc. XVI e a sua importância para a história do movimento monástico em Portugal, ver J. S. da Silva Dias, *Correntes de sentimento religioso em Portugal*, I, Coimbra, 1960, p. 49.

<sup>51</sup> *Peregrinatio Hispanica*, II, pp. 509-511. Silva Dias, *o. c.*, p. 51.

<sup>52</sup> *Peregrinatio Hispanica*, I, p. 129.

\* *Ibid.*, p. 147.

<sup>54</sup> *Ibid.*, p. 161.

<sup>55</sup> *Ibid.*, pp. 171-172.

em Valbona, “tudo exalava o odor da pior sentina de propriedade”<sup>56</sup>; em Santa Fé e Las Huelgas eram as espantosas dissensões entre os religiosos e as religiosas respectivas e as cabalas destas últimas contra a sua abadessa<sup>57</sup>.

A ignorância era também geral, como deixavam perceber os casos de Valsauve<sup>58</sup>, S. Bernardo (próximo de Valência)<sup>59</sup> ou Mon-salud<sup>60</sup>.

Mesmo o mau acolhimento que tiveram em Almoester tem paralelo com o que lhes fora reservado no mosteiro de Santa Catarina de Avinhão, cuja visita lhes foi vedada pela abadessa, escudada numa verdadeira, ou pretensa, ordem do seu arcebispo<sup>61</sup>.

Afinal, de tantos mosteiros visitados por essas terras além, apenas o de Piedra (Aragão) se mostrou lugar de paz, tranquilidade e união<sup>62</sup>.

Por tudo isto se conclui que, afinal, os males que afligiam os mosteiros cistercienses em Portugal (e não apenas eles, infelizmente<sup>63</sup>), se não circunscreviam a este reino Peninsular, antes eram nota comum aos de muitos outros lugares. Pela negativa, anunciavam os sinais dos tempos, com a sua profunda necessidade de mudança no caminho da renovação da espiritualidade do Ocidente.

<sup>56</sup>*Ibid.*, p. 179.

<sup>57</sup>*Ibid.*, II, pp. 631 e 689, respectivamente.

<sup>58</sup>*Ibid.*, I, p. 125.

<sup>59</sup>*Ibid.*, I, p. 209.

<sup>60</sup>*Ibid.*, II, p. 243.

<sup>61</sup>*Ibid.*, I, p. 123.

<sup>62</sup>*Ibid.*, II, p. 629.

<sup>63</sup> “A crise moral das congregações monásticas, ao raiar o século XVI, parece difícil de negar. As Regras eram frequentemente conculcadas na letra e no espírito, sendo a piedade e os costumes notas pouco edificantes em muitos conventos” (J. S. da Silva Dias, *o. c.*, p. 54). Para os beneditinos da arquidiocese de Braga, ver José Marques, **O estado dos mosteiros beneditinos na arquidiocese de Braga, no século XV**. Separata de *Bracara Augusta*, XXXV, Fase. 79 (92), Braga, 1981.

Pelo seu interesse - porque tudo isto é obra (directa ou indirecta<sup>64</sup>) de homens e mulheres que, pelas suas faltas e desvios, conivências e silêncios, ensombraram um ideal que, um dia, se lhes abrisse - e porque, também aqui, se impõe a síntese, apresentamos, no final, um quadro do número de religiosos (e religiosas) que albergavam, então, as casas cistercienses portuguesas.

#### 4. Conclusão

Embora já alvo de alguns estudos, parece-nos ainda com potencialidades a obra deixada por Frère Claude de Bronseval, quando visitou a Península, acompanhando o abade de Claraval, em 1532-1533.

Num Colóquio essencialmente sobre arte, procurámos pôr em evidência os aspectos que podem interessar à disciplina, em Portugal, onde sobressaem as informações sobre arquitectura. E aqui, a diversidade de planos era a nota dominante, como vulgar era também o estado de degradação, sobretudo dos mosteiros masculinos.

Dos restantes elementos fornecidos por Bronseval, têm interesse à história da arte aqueles que dizem respeito aos objectos e ornamentos sagrados. São diminutos, mas deixam também entrever essa decadência. Assinala-se também, com particular interesse, uma ou outra referência a livros litúrgicos.

E se, no plano moral (o mais bem realçado por Marcel Bataillon ou Maur Cocheril<sup>65</sup>) há muito se concluíra pela grande decadência

<sup>64</sup> Porque não esquecemos o profundo papel de relaxamento que coube à maioria dos comendatários.

<sup>65</sup> Embora este, no seu *Routier des abbayes cisterciennes du Portugal* Paris, 1978, transcreva as passagens mais importantes de Bronseval relativas à descrição dos edifícios, pelo carácter da obra elas aparecem algo dispersas.

dos mosteiros masculinos, ela sai agora muito mais evidenciada, pelas suas ligações ao plano material da vida das instituições.

Em perfeita ligação, tudo aponta para a profunda reforma de que os mosteiros da ordem de Cister careciam em Portugal<sup>66</sup>. Assim, quando, entre 1564 e 1570, se fundou a Congregação Autónoma de Alcobaça, era vastíssimo o seu campo de acção. E as medidas imediatas não se fizeram esperar: continuaram-se as supressões dos mosteiros tidos por inviáveis<sup>67</sup> (que agora revertiam para uma nova fundação, mais consentânea com os novos ideais e as novas necessidades, o Colégio do Espírito Santo, em Coimbra) e houve um esforço enorme para fazer ressurgir a Ordem, na perseguição dos seus ideais e no bom governo das suas casas. E se aquela pode adquirir o valor de um símbolo - “o da liquidação da herança medieval” - como já considerou Artur de Gusmão<sup>68</sup>, este ficou bem patente nas inúmeras e importantes obras que se levaram a efeito nos mosteiros cistercienses, nos séculos XVI, XVII e XVIII, e em cujo estudo, quer analítico, quer de conjunto, a história da arte tem um importante papel a levar a cabo, na explanação das obras e dos múltiplos factores que as explicam<sup>69</sup>.

Parece-nos assim, que, nesta perspectiva, é importantíssima a obra de Bronseval, pois ela pode servir de charneira entre o antigo e o moderno, entre o medieval e os novos tempos.

Ela pode representar, parece-nos, um importante ponto de partida para o arranque dos estudos sobre uma das muitas facetas

<sup>66</sup> E não apenas aqui, como se viu pelas outras referências fornecidas por Bronseval.

<sup>67</sup> Nomeadamente Ermelo e Estrela, que já antes haviam sido secularizados em favor do Colégio do Espírito Santo de Coimbra.

<sup>68</sup> **Os mosteiros de Cister na época moderna**. Separata de *Lusíada*, III, n.-10, Porto, 1957, p. 9.

<sup>69</sup> E já uma proposta de Artur de Gusmão, em 1957 (Cfr. **Os mosteiros de Cister na época moderna**).

da obra da Congregação Autónoma de Alcobaça: a da renovação material dos edifícios.

Número de religiosos(as) das casas Cistercienses portuguesas no séc. XVI\*

Mosteiro	Professos(as)	Conversos(as)	Noviços(as)	Origem <sup>1</sup>
Cós	29+1 <sup>a</sup>		3	<sup>a</sup> Franciscana, ai por ordem régia
Celas	48			A abadessa era ex-franciscana
Lorvão	<sup>2</sup>			
Almoster	47 <sup>3</sup>		4 <sup>4</sup>	
Vale Madeiro	4			
S. Bento de Castris	<sup>5</sup>			
S. Bernardo de Portalegre	3		4 <sup>6</sup>	
Odivelas	70 <sup>7</sup>	14	5 <sup>8</sup>	
Arouca	<sup>9</sup>			
Alcobaça	11 <sup>a</sup>		17	<sup>a</sup> 3 castelhanos. O prior era ex-abade da Estrela
Tomarães	3			1 professo de Alcobaça; 1 converso de Alcobaça
Seiça	16+11 <sup>a</sup>	2+5 <sup>a</sup>		<sup>a</sup> De Alcobaça
S. Paulo de Almaziva	7			
Maceira-Dão	16			
Lafões	1+2 <sup>a</sup> +1 <sup>b</sup>			<sup>a</sup> Expulsos de Alcobaça; <sup>b</sup> dominicano
Salzedas	23 <sup>10</sup>		3	
Tarouca	16 <sup>11</sup>	4		
Bouro	7			
Fiães	5 <sup>a</sup> 12	2		<sup>a</sup> O abade era ex-prior de Alcobaça, daí expulso
Júrias	sem monges <sup>13</sup>			
Águias	4 <sup>a</sup>			<sup>a</sup> 3 fugitivos de S. Domingos
Aguiar	4			
Estrela	<sup>a</sup>	<sup>b</sup>		<sup>a</sup> 2 de Alcobaça; <sup>b</sup> 1 de Alcobaça. O abade era ex-prior de Alcobaça

\* Segundo Claude de Bronseval

<sup>1</sup> Quanto ao mosteiro ou Ordem anterior.

<sup>2</sup> O abade de Claraval benzeu 3 monjas e recebeu uma confirmação da profissão.

<sup>3</sup> O abade de Claraval benzeu 12 monjas.

<sup>4</sup> Que o abade de Claraval recebeu em profissão.

<sup>5</sup> O abade de Claraval recebeu 12 em profissão solene e benzeu-as. Destituíu a porteira e a sacristã.

<sup>6</sup> O abade de Claraval recebeu 1 em profissão solene e benzeu-a.

<sup>7</sup> O abade de Claraval benzeu 4 monjas.

<sup>8</sup> O abade de Claraval benzeu 4 que, na sua presença, haviam feito profissão pessoal à abadessa.

<sup>9</sup> O abade de Claraval benzeu 13 religiosas.

<sup>10</sup> O abade de Claraval confirmou o abade e benzeu-o.

<sup>11</sup> O abade de Claraval recebeu 5 monges em profissão e benzeu-os.

<sup>12</sup> O abade de Claraval conferiu tonsura e ordens menores a 1 monge.

<sup>13</sup> Indicação expressa de Bronseval.